



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Sexualidade e saúde mental: falhas e propostas numa construção integral

Camila Mireli Calaça de Sá; Glaycianny Pires Alves Lira

Universidade Federal do Vale do São Francisco, camilapsicounivasf@gmail.com; Universidade Federal do Vale do São Francisco, glayciannylira@gmail.com

RESUMO

Este artigo científico visa expor uma análise acerca do papel da sexualidade na saúde mental. O objetivo proposto foi o de analisar a temática sexualidade nas instituições de cuidado com a saúde mental, abrangendo projetos, falhas e faltas na prática profissional e institucional. Dentre as ideias defendidas, é importante citar a escassez de conteúdo sobre o tema e a inexistência de uma proposta prática de adequação das unidades da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) para com o tema sexualidade, além de propostas de implementação deste tema na saúde, especificamente nas instituições de saúde mental. Para tanto, utilizou-se o levantamento bibliográfico como metodologia deste artigo, afim de atender aos objetivos e às condições de formulação.

Palavras-chaves: sexualidade; saúde mental; Rede de Atenção Psicossocial; propostas; falhas.

Introdução

(..) sexualidade é energia vital instintiva direcionada para o prazer, passível de variações quantitativas e qualitativas, vinculada à homeostase, à afetividade, às relações sociais, às fases do desenvolvimento da libido infantil, ao erotismo, à genitalidade, à relação sexual, à procriação e à sublimação (BEARZOTI, 1993, p. 01)

De acordo com a definição de Bearzoti (1993), sendo a sexualidade um constituinte do sujeito – inerente e arraigado à sua constituição como indivíduo –, participante do entorno fisiológico, desenvolvimentista e social, a preocupação com tal aspecto formativo do sujeito deve ser uma questão para além do cuidado, mas um assunto voltado primordialmente para a saúde.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

O conceito de saúde, abordado por Sciliar (2007) abrange diversos aspectos como o direito a saúde, constitucional, as questões sociais ligadas à saúde e o decurso histórico que vem evoluindo, mas que continua vendo saúde como o oposto de doença, mas na prática, vai bem além disso. E ainda, sobre a saúde, há um subtipo – se é possível a dissociação, já que coadunam para uma interligação e interdependência – que trata da saúde mental dos sujeitos.

De todo modo, é possível avançar uma definição “imaginária” da saúde mental nesta perspectiva: formas metassintéticas, condensação de instâncias, domínios, níveis, lógicas, modelos, produtos, objetos. Saúde mental será portanto uma imagem, uma configuração, uma dessas curiosas formas que, em consequência do que referem no mundo concreto, somente fazem sentido como uma Gestalt, como um integral. Afinal, a história etimológica do termo “saúde” revela uma intrigante linhagem, com origem no radical grego antigo holos (todo), através da transição s'olos - salus - salut - salud - saúde (ALMEIDA FILHO, et al,1999, p. 121-122).

Nesse sentido, de integralidade e de visão do sujeito como um todo e não segregado em partes, a sexualidade é fator preponderante na promoção de saúde, em especial da denominada saúde mental. Mas esse ponto tão importante é, por vezes, renegado e não observado, mascarado socialmente e posto de lado – a sexualidade é, pois, vista como peça acessória e não como componente psicossocial dos sujeitos. (MIRANDA & FUREGATO, 2004)

Com o intuito de abranger a temática sexualidade na promoção da saúde mental, foram fomentados diversos materiais de apoio ao profissional de saúde atuante na Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), em especial aos alocados nos CAPS (Centros de Atenção Psicossocial). A proposta desses materiais oficiais (confeccionados pelo Governo Federal) é tirar a sexualidade das alcovas e dos bastidores e trata-la como componente fundamental na promoção da saúde integral dos sujeitos. (BRASIL, 2002)

Considerando, portanto, a sexualidade como componente indispensável para a promoção e manutenção da saúde mental dos sujeitos, o objetivo deste artigo é o de analisar a temática sexualidade nas instituições de cuidado com a saúde mental, abarcando projetos, falhas e faltas na prática profissional e institucional.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Metodologia

A metodologia escolhida deve não apenas abarcar o tema e ser conveniente ao pesquisador e ao tipo de compêndio a que se quer escrever, mas deve, sobretudo, servir aos objetivos propostos e ser capaz de alcançá-los (LUNA, 2000).

De acordo com Gil (2009), a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Para aquele autor, a principal vantagem desse tipo de pesquisa reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama maior de fenômenos do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Essa vantagem é particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados que estão dispersos no tempo e no espaço relacionados ao objeto de estudo. (GIL, 2009 apud LIMA et al, 2012, p.130)

De acordo com os critérios de Luna (2000) e Lima (2012) e em consonância com os aparatos práticos na formulação deste artigo, optou-se por utilizar o método de revisão bibliográfica, por atender, metodologicamente, os critérios necessários à formulação deste artigo.

Diante da dificuldade prática de reunir um acervo significativo de livros, artigos, periódicos e afins que analisassem o tema sexualidade em consonância com a saúde mental, escolheu-se um prazo temporal relativamente grande, para que se pudesse, com propriedade fazer um levantamento que pudesse suportar este artigo. Diante do exposto, foram delimitados conteúdos de 1993 a 2012.

Resultados e discussão

O histórico existente que conduz aos moldes atuais de cuidado com o sujeito em sofrimento psíquico ainda passa por uma ruptura com os antigos hospitais psiquiátricos para uma noção de transformação estrutural e um processo social complexo. Segundo Amarante



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

(2003), há algumas reflexões e críticas sobre o que a medicina psiquiátrica produziu sobre esse sujeito adoecido psicicamente, colocando em questionamento conceitos que essa área produziu: “isolamento terapêutico, tratamento moral, degeneração, normalidade/anormalidade, terapêutica e cura”(AMARANTE, 2003, p.49).

Devido a um processo bem mais amplo e que envolve inúmeros acontecimentos, recentemente está ocorrendo uma desinstitucionalização dos espaços destinados à vivência da loucura. A ideia principal é a desconstrução desses conceitos arraigados e a busca por novas situações, relações e práticas que incluam esse sujeito e o transforme:

[...] produção de sociabilidades e subjetividades com contexto do atual processo de reforma psiquiátrica: sujeito da experiência da loucura, antes excluído do mundo da cidadania, antes incapaz de obra ou de voz, tornar-se-á sujeito, e não objeto de saber. (AMARANTE, 2003, p. 50)

E é nesse processo que o CAPS (Centro de Atenção Psicossocial) vai agir com os sujeitos, provocando novos modos de ver, sentir e agir no mundo. Essa rede de atenção potencializa as equipes de saúde em prol do cuidado e da reabilitação psicossocial, com missão de dar um atendimento às pessoas que padecem com intenso sofrimento psíquico, num determinado território (BRASIL, 2004).

Durante a fase de busca por bibliografias – tanto em plataformas e sites do governo – não se conseguiu achar referenciais que abordem a sexualidade em contexto de CAPS de forma prática (somente uma cartilha sobre sexualidade e AIDS, datada há mais de 13 anos), porém, nessa breve discussão se espera indicar alguns temas que podem ser desenvolvidos com esses sujeitos e relatar a dificuldade que é trabalhar o tema com família, profissionais de saúde, redes de atenção e a própria sociedade.

A cartilha do Ministério da Saúde sobre a Saúde Mental no SUS (BRASIL, 2004) oferece informações importantes de como é articulado esse centro de atenção e como é possível agir em prol dos protagonismos de cada usuário do serviço. Os CAPS I, II E III são



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

modalidades desses serviços que cumprem a função de oferecer atendimento ao público em saúde mental, tendo como semelhança o fato de atender pacientes com transtornos mentais severos e persistentes, e a diferença consiste no porte, abrangência populacional e a constituição da equipe técnica.

É com o trabalho interdisciplinar dessa equipe técnica que acontece o funcionamento desses centros. Segundo uma análise da cartilha, todos esses CAPS precisam ter pelo menos: um profissional médico com formação em saúde mental – o psiquiatra –, enfermeiros, psicólogo, assistente social, um profissional necessário ao projeto terapêutico e profissionais de nível médio. São esses profissionais que acolhem, escutam e oferecem possibilidades terapêuticas para esses indivíduos em sofrimento (BRASIL, 2004). Com essa estrutura, o CAPS realiza uma série de serviços, que no geral, consiste em: atendimento individual, atendimento em grupo, atendimento para a família, atividades comunitárias e assembleias ou reuniões de organização do serviço.

Tendo isso em pauta, a rede tem meios de se trabalhar e abordar a questão da sexualidade também. Porém, há de se identificar possíveis temas e opiniões norteadoras sobre o assunto.

Bastos e Deslandes (2005) fizeram um estudo de cunho bibliográfico em sites internacionais e puderam observar com é escasso o assunto que envolve adolescente com retardo mental e sexualidade. Há de se admitir dois problemas que vão de encontro com ideias substanciais deste artigo: a faixa etária corresponde à adolescência, portanto não está direcionado a um público geral e o termo deficiência mental não se equivale a de transtorno. Entretanto, é possível elencar assuntos importantes que podem ser expandidos para o grupo-alvo deste artigo.

A discussão da sexualidade pensada pela família e profissionais da educação - uma educação que pode ir além da escola, no CAPS, por exemplo - ainda há um certo receio por controle dessas pessoas (GIAMI, 2000 *apud* BASTOS E DESLANDES, 2005, p. 393): “há



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

um imaginário social que constrói a sexualidade da pessoa com deficiência mental a partir de um conjunto de representações relativas à monstrosidade e à anormalidade”.

Por isso que o exercício da sexualidade é um tema de bastante furor quando é relatado pelos os próprios sujeitos que vivenciam a sexualidade. Um estudo de Maia e Camossa (2003) foi feito com jovens que possuíam deficiência mental, de ambos os sexos e de faixas etárias diferentes, os procedimentos metodológicos resultaram na presença de alguns direcionamentos: o primeiro é a noção da própria identidade sexual e das noções de gênero, que ainda realça alguns estereótipos sobre concepção de ser homem que “anda meio jogado o corpo, jeito machão”, “usa saia, cabelo mais grande” (MAIA et al, 2003, p.210). Isso pode ser um tema de importante valia para se trabalhar em contexto de CAPS, pois relações de gênero ainda hoje nos localizam enquanto sujeitos na sociedade.

São por essas vias da manutenção de estereótipos de gênero que também ocorre o surgimento do adoecimento psíquico em ambos os sexos. Santos (2009) retrata esse adoecimento refletindo sobre os acontecimentos que são geradores, com a mulher, por exemplo:

[...] os múltiplos papéis desempenhados pela mulher na sociedade contribuem para um aumento significativo da incidência de transtornos mentais e comportamentais, pois as mulheres continuam com o fardo da responsabilidade que vem associado com os papéis de esposa, mães, educadoras e cuidadoras, tornando-se ao mesmo tempo uma parte cada vez mais essencial da mão-de-obra e, frequentemente, constituindo-se na principal fonte de renda da família. Além de pressões impostas às mulheres devidos à expansão de seus papéis, muitas vezes em conflito, elas são vítimas de discriminação sexual, concomitante à pobreza, à fome, à desnutrição, ao excesso de trabalho e à violência doméstica e sexual (SANTOS, 2009, p. 1178).

E nos homens acontece outro processo:

Estar doente para os homens resulta em fracasso social; assim, torna-se condição não tolerada pela família e sociedade. Uma vez perdida a identidade do trabalhador ou de estudante devido ao adoecimento psíquico,



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

os homens enfrentam maiores dificuldades de reinserção social e reconstrução da identidade anterior (SANTOS, 2009, p.1180).

Com essas variáveis, nota-se a pertinência de falar sobre sexualidade – não só numa ótica de saúde fisiológica – com os usuários do CAPS e toda sua rede social, assim, outros temas ainda surgem, nessa ótica do relacional (direitos sexuais e reprodutivos). É importante salientar a preocupação da família, dos próprios usuários e a instituição como um todo com assuntos voltados abuso sexual, contracepção e até mesmo a esterilização - que gera debates polêmicos - mas a atenção profissional voltada para a sexualidade mesma ainda é muito escassa.

Bastos & Deslandes (2005), ainda apontam para a necessidade de abordar questões sexuais, pois esses jovens sofrem sanções - causando eventualmente múltiplos parceiros - favorecendo que muitos adolescentes com deficiência mental sejam vítima da Aids. A cartilha sobre Sexualidade e Aids que foi destinada aos profissionais de saúde mental (2002) têm o intuito de oferecer uma abordagem do assunto para com os doentes mentais. O vínculo entre o sujeito e a equipe e o sigilo acompanhados de orientação sobre comportamentos sexuais pode ser o começo do manejo com o usuário já contaminado e que transita naquele local. Profissionais que detenham conhecimentos e práticas sobre o assunto para identificar possíveis casos podem ajudar na detecção, aconselhamento e tratamento dos mesmos (BRASIL, 2002). Porém, apesar da cartilha favorecer ajuda a esse público, a abordagem é muito individualizante e não é tão atualizada ao nosso momento atual - de explosão tecnológica e médica. Devido a esse fato, um Centro de atenção pode ressaltar a importância de métodos mais atualizados, com sugestões à contraceptivos e detalhamento de informações para o público, tanto em nível individual como grupal.

Mas para que a equipe do serviço aborde o tema na instituição e em suas diversas atividades, é preciso saber a percepção do profissional de saúde para com esse sujeito e é perceptível como eles ainda estão mergulhados na visão de que o doente mental ou têm o



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

exercício da sexualidade de forma exagerada ou não há têm. Brito e Oliveira (2009) elaboraram um estudo com profissionais de uma instituição psiquiátrica no Crato-CE, e foram constados os seguintes tópicos, a partir dos discursos: acham que a sexualidade está diretamente ligada ao sexo biológico, que o doente mental verbaliza muito sobre a sexualidade, a masturbação está presente em atitudes diárias, há o aumento da libido quando o paciente entra em surto e pensam que os sujeitos são seres assexuados – que a sociedade nega a possível sexualidade deles ou que não sejam capazes de exercer uma sexualidade ativa, já que existe um preconceito inerente e que preconiza a vulnerabilidade.

Percebe-se então, que a mudança precisa ocorrer em vários níveis até alcançar o sujeito que necessita de que sua saúde seja assistida de forma holística. Tentando assim, desfazer com paradigmas arcaicos que proibam o sujeito da livre expressão de sua sexualidade. Criticar o silenciamento da rede em relação ao assunto, promover a informação e empoderamento para os usuários do serviço e capacitar os profissionais de saúde do Centro de Atenção Psicossocial para se atentar ao tema, discuti-lo e colocá-lo em foco nos seus projetos são atitudes que, formativamente, podem melhorar esse quadro de faltas e furos quanto à temática da sexualidade na promoção de saúde mental.

Conclusão

Com base no que foi explanado pelo artigo, conclui-se a existência de muitos furos em torno da temática sexualidade, implementada no contexto da saúde mental. Seja por preconceitos arraigados e tabulados pela a nossa sociedade em relação aos sujeitos ou por questões da própria dificuldade que é abordar o tema por esses profissionais e suas respectivas instituições, o fato é que esses buracos permeiam toda a Rede de Atenção Psicossocial.

Percebeu-se, também, a quantidade de temas que podem ser abordados para a desconstrução do silenciamento institucional sobre a sexualidade e um possível empoderamento dos sujeitos e das suas relações, mesmo com tantas falhas observadas, desde



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

referências para se trabalhar até a forma como os profissionais vêm a sexualidade nos sujeitos usuários da Rede.

Portanto, o intuito desse artigo conclui-se quando mostra essas dificuldades e faz apontamentos para reais articulações e mudanças em todos os níveis abordados, tentando ofertar ao sujeito com transtorno psíquico o exercício da sua sexualidade e a construção de novos modos de enfrentamento da realidade.

Por se tratar de uma pesquisa de cunho bibliográfico, as limitações da não observação *in locu* foram significativas, se tratando de um tema ainda muito estigmatizado e com pouca produção científica. Há necessidade de uma continuidade de produções nesta área, para que, aos poucos se desfaça esse estigma social que criou-se ao entorno da sexualidade – que nada mais é que um componente formador do sujeito e assim deve ser vista.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA FILHO, et al. **O conceito de saúde mental**. REVISTA USP, São Paulo, n.43, p. 100-125, setembro/novembro 1999. Disponível em: < <http://www.usp.br/revistausp/43/10-naomar.pdf> > Acesso em: 16 Maio 2015.

AMARANTE, P. A (clínica) e a Reforma Psiquiátrica. EM: Scliar, Moacyr et al; Amarante, Paulo (coord.) **Archivos de saúde mental e atenção psicossocial**, Eng° Paulo de Frontin, RJ: Nau, 2003.

BASTOS, O. M.; DESLANDES, S. F. **Sexualidade e o adolescente com deficiência mental: uma revisão bibliográfica**. Ciência & Saúde Coletiva, 10(2): 389 – 397, 2005. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/csc/v10n2/a17v10n2> > Acesso em: 16 Maio 2015.

BEARZOTI, P. **Sexualidade um conceito psicanalítico freudiano**. Campinas, 1993. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/anp/v52n1/24.pdf> > Acesso em: 16 Maio 2015.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Guia para profissionais de saúde mental sexualidade & DST/AIDS: discutindo o subjetivo de forma objetiva**. Brasília, 2002. Disponível em: < http://www.ccs.saude.gov.br/saude_mental/pdf/sexualidade_saude.pdf > Acesso em: 16 Maio 2015.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

BRASIL, Ministério da Saúde. **Saúde Mental no SUS: os centros de atenção psicossocial**. Brasília, Ministério da Saúde, 2004. Disponível em: <

http://www.ccs.saude.gov.br/saude_mental/pdf/sm_sus.pdf > Acesso em: 16 Maio 2015.

BRITO, P. F.; OLIVEIRA, C. C. **A sexualidade negada ao doente mental: percepções da sexualidade do portador da doença mental por profissionais da saúde**. Ciências & Cognição, Volume 14(1): 246 – 254. ISSN: 1806 – 5821, 2009. Disponível em: <

<http://www.cienciasecognicao.org/revista/index.php/cec/article/viewFile/52/46> > Acesso em : 16 Maio 2015.

LIMA, et al. **Estudos de Caso e sua Aplicação**: Proposta de um Esquema Teórico para Pesquisas no Campo da Contabilidade. RCO, Ribeirão Preto, SP, v. 6, n. 14, p. 129-144, jan-abr 2012. Disponível em: <

http://www.mackenzie.br/fileadmin/PUBLIC/UP_MACKENZIE/servicos_educacionais/strict_o_sensu/Ciencias_Contabeis/Producao_Cientifica/ESTUDOS_DE_CASO_E_SUA_APLICAO.pdf> Acesso em: 17 Maio 2015.

LUNA, S. V. de. **Planejamento de pesquisa**: uma introdução. São Paulo: EDUC, 2000.

MAIA, A. C. B.; CAMOSSA, D. A. **Relatos de jovens deficientes mentais sobre a sexualidade através de diferentes estratégias**. Pandéia, 12(24), 205 – 214, 2003. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v12n24/09.pdf> > Acesso em: 16 Maio 2015.

MIRANDA, F.A.N; FUREGATO, A.R.F. **Representações sociais da atuação do enfermeiro psiquiátrico no cotidiano**. 2004. Disponível em: <

<http://www.mackenzie.com.br/universidade/psico/publicacao/> > Acesso em: 16 Maio 2015.

SANTOS, A. M. C. C. **Articular saúde mental e relações de gênero: dar voz aos sujeitos silenciados**. Ciência e saúde coletiva, 14(4): 1177 – 1182, 2009. Disponível em: <

<http://www.scielo.br/pdf/csc/v14n4/a18v14n4> > Acesso em: 16 Maio 2015.

SCILIAR, M. **História do conceito da saúde**. Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <

<http://www.scielo.br/pdf/physis/v17n1/v17n1a03> > Acesso em: 16 Maio 2015.